

Homilia do 30º Domingo do Tempo Comum – Ano C

Queridos irmãos e irmãs, nossa liturgia de hoje nos ensinará que Deus tem um “fraco” pelos humildes, pobres e marginalizados, pois, em seu despojamento, em sua humildade, na sua finitude e até no seu pecado, reconhecem que erram e assim aproximam-se mais da salvação, demonstrando estarem mais disponíveis para acolher o dom de Deus.

A primeira leitura define Deus como um "juiz justo", que não se deixa subornar pelas ofertas daqueles que são poderosos e que praticam injustiças na comunidade; em contrapartida, esse Deus justo ama os humildes e escuta as suas súplicas. O Livro do Eclesiástico inicia já declarando “Deus é um juiz justo”, que não faz acepção de pessoas, que não é cúmplice dos opressores e nem se deixa por eles subornar por suas ricas ofertas, mas ao contrário não desiste de fazer justiça aos pobres, aos mais humildes, que em nosso texto são representados pelos órfãos e as viúvas, duas figuras sempre lembradas tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento. O autor do Livro irá insistir que Deus, não tem os ouvidos tapados aos clamores daqueles que gritam por justiça, Ele sempre escuta as preces dos mais simples e humildes, estando sempre atento aos gritos daqueles que são vítimas da injustiça. Assim, os humildes que sofrem a opressão e a prepotência dos poderosos são convidados a apresentar constantemente a Deus suas queixas, ate que Ele restabeleça o direito a justiça, pois, as injustiças são atitudes incompatíveis com Deus que é Amor, libertador. Deus criou o homem com capacidade de assumir em sua vida as responsabilidades de seus próprios atos e com certeza irá cobrar isso de cada um de nós.

Diante dessa perspectiva que nos coloca a 1ª leitura do Deus justo, é que o Evangelho de Lucas vai definir a atitude

correta daqueles que creem devem assumir diante de Deus pondo em confronto os dois tipos de atitude (fariseu e publicano) em face de Deus. O fariseu é o modelo de um homem irrepreensível face à Lei, que cumpre todas as regras e leva uma vida íntegra. Ele tem consciência de que ninguém pode acusá-lo de cometer ações injustas, nem contra Deus, nem contra os irmãos (aparentemente, é verdade, pois a parábola não nos fala se estava mentindo). Porém, é a arrogância que leva as pessoas a se sentirem melhores do que as outras, pois se autovalorizam e desprezam os outros. A postura do fariseu é teatral, plástica e, exatamente por isso, artificial. Reza a Deus como se estivesse no teatro, encenando uma peça. Reza de si para si mesmo. Em sua oração arrogante, pretende dar testemunho de si mesmo perante Deus. Na verdade, não foi rezar, mas sim informar a Deus a respeito de quão bom ele, fariseu, era. No entanto, tal oração mostra-se desprovida de autêntico conteúdo e assim torna-se ineficaz. Seus gestos e palavras que revelam justamente o que é contrário ao que Deus deseja do homem. Queria ele aparecer, e suas palavras e gestos fizeram que desaparecesse. Tomado de arrogância, o fariseu experimenta seu próprio veneno se auto excluindo do projeto de Deus. Já o publicano é o modelo do pecador. Explora os pobres, pratica injustiças, trafica com a miséria e não cumpre as obras da Lei. Ele tem, aliás, consciência da sua indignidade, pois a sua oração consiste apenas em pedir: "meu Deus tende compaixão de mim que sou pecador." Por isso, sua oração é totalmente contrária a do fariseu. Sua atitude é de se apoiar em Deus e não nos seus méritos (que, aliás, não existem) Ele se apresenta diante de Deus de mãos vazias e sem quaisquer pretensões, entrega-se apenas nas mãos de Deus e pede-lhe compaixão. E Deus "o justifica", isto é, derrama sobre ele a sua graça e o salva, precisamente porque ele não possui um coração cheio de

orgulho e autossuficiência e está disposto a aceitar a salvação que Deus quer oferecer a todos os homens.

Por isso, ao final da parábola Jesus subverte a mentalidade farisaica. O fariseu, que se achava merecedor da salvação, volta para casa sem o perdão, enquanto o publicano volta perdoado. E Jesus conclui: “pois quem se eleva, será humilhado, e quem se humilha será exaltado”.

E em nossa segunda leitura, temos um convite a viver o caminho cristão com entusiasmo, com entrega, com ânimo - a exemplo de Paulo. A leitura foge, um pouco, ao tema geral deste domingo; contudo, podemos dizer que Paulo foi um bom exemplo dessa atitude que o Evangelho propõe: ele confiou não nos seus méritos, mas na misericórdia de Deus, que justifica e salva todos os homens que a acolhem.

Queridos irmãos e irmãs, de nada vale realizarmos uma performance teatral na prática do discipulado. Não há lugar no Reino de Deus para os dissimuladores, ou seja, para aqueles que desejam representar o que de fato não são. Não podemos fazer do projeto de vida de Jesus ou reduzi-lo a uma teatralização, pois se transformaria infelizmente numa religião de morte e não de vida. Quando o Evangelho não produz vida aonde é proclamado, as pessoas perdem o caminho do verdadeiro discipulado. Esquece-se que a vida cristã deve ser vivida de forma integral e que não há espaço para uma prática medíocre do ser discípulo. O verdadeiro cristão se caracteriza pela vivência da humildade no serviço e, pelo serviço desinteressado.

Não há nada mais deprimente do que alguém se considerar discípulo de Jesus, mas levar uma vida cadenciada pela arrogância e pela falsa humildade. Quando nos reconhecemos como fracos é que começamos a experimentar o poder de Deus. A presunção de força gera no interior da pessoa a arrogância, e ela passa a se considerar mais do que realmente

é. Desenvolve, na verdade, a síndrome de Golias. Possui uma aparência de fortaleza, mas pode ser derrubada com uma pequena pedra.

Que nossa Mãe Santíssima interceda por cada um de nós e nos ajude a sermos através da humildade verdadeiros discípulos de seu Filho.

Assim Seja.